



na rotina em casa, trabalho e compromissos médicos. Resultado disso foi que a preparação de Ceci acabou ficando para quando Livia já estava no último trimestre de gestação. A família contratou uma consultora em comportamento animal de Belo Horizonte e o principal desafio foi trabalhar a ansiedade de separação da cachorrinha, já que o bebê demandaria muita atenção.

Ceci deixou de dormir na cama dos tutores. Teve a rotina incrementada com longos passeios matinais, para cavar e rolar na terra, e com atividades de enriquecimento ambiental, principalmente na hora das refeições, com o apoio de comedouros interativos, chifres e cascos naturais, para que ela se desafiasse a comer. Tudo pensado para afastar estresse, tédio, angústia e inquietação.

Mas quando o pequeno Arthur chegou em casa com os pais, depois de passar quase duas semanas numa Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pré-natal, Ceci não entendeu. “Para ela, Arthur era uma espécie de extraterrestre, porque ela nunca tinha tido contato com um recém-nascido. Nos dias que se passaram, notamos que

estava muito triste, apática”, lembra.

Eles tinham mesmo razão para ficarem surpresos com Ceci daquele jeito. A yorkshire estava entrando em depressão. Com um trabalho de zoopsiquiatria, medicação e a continuidade das estratégias de treinamento — cujo resultado aparece mesmo no longo prazo e Ceci havia feito somente dois meses —, conformou-se que Arthur fazia parte da família e que a presença dele não significava que ela iria embora.

“Sabíamos, desde o início, que o contato entre os dois não seria fácil, porque Ceci sempre teve medo de criança. Sem contar que a reação de um animal com um bebê é imprevisível, por mais que ela nunca tenha mordido ninguém”, conta Livia. Por isso, os pais ficam sempre em cima, para que a relação seja a melhor possível.

E tem dado certo. A família mudou-se de um apartamento para uma casa, pensando em dar a Arthur e a Ceci mais qualidade de vida. Hoje, o animal não toma mais o remédio controlado e vê Arthur como parte da família, alguém que ela protege.

Checkup necessário

Vale lembrar que checar a saúde do animal também faz parte do pré-natal. Não que os animais sejam um perigo constante na transmissão de doenças para o bebê — Thaís Matos diz que esse risco é baixíssimo —, é só que o acompanhamento é importante em qualquer fase e garante a saúde da família toda, além, claro, da do bicho.

Com uma ida ao veterinário, é possível atualizar possíveis tratamentos, ver se o controle de pulgas, carrapatos e a vermifugação está em dia e, mais importante, dar uma olhadinha no cartão de vacina. Em geral, são os animais em situação de rua, sem esse acompanhamento, que podem representar algum risco.

Para quem tem gato, no entanto, há uma ressalva. Mulheres grávidas ou que estão amamentando devem evitar higienizar a caixinha do felino. Se o fizerem, precisam usar luvas. Há risco de contaminação por protozoário ou infecção, que saem pelas fezes do animal. Com o contato, sem lavar as mãos depois, a mulher pode pegar algo para comer, ingerir o alimento e se contaminar. Isso não quer dizer que precisa se livrar do gato, mas orientar que outra pessoa faça a limpeza.

Ver pelos espalhados por todos os cômodos é uma realidade para vários tutores. Com um bebê, eles passam a ser ainda mais incômodos. Animais que soltam muito pelo, então, devem ser escovados com mais frequência e os tutores precisam caprichar na rotina de banho e tosa. Isso vale, principalmente, para a época em que o pet mais solta pelo, comum nas mudanças de estação ou no calor.

Camila se diz suspeita para falar, por ser veterinária, mas afirma que crianças que convivem com pets têm a imunidade reforçada: “Pela minha vivência em consultório, já vi crianças com alergia dessensibilizar a partir desse contato”. Com os responsáveis bem orientados, ela destaca que essa é também uma oportunidade para a criança aprender a trocar carinho, ganhar noção do respeito do espaço alheio e de responsabilidade.